

# Algumas questões sobre o inconsciente *encravado*: conteúdos, organização e possíveis mudanças

Alberto Luchetti<sup>1</sup>, Roma

## Resumo

Este artigo de Jean Laplanche representa uma importante etapa não somente no que concerne à teoria da sedução generalizada, pois busca também integrar uma tópica da clivagem na tópica freudiana “clássica”. Algumas perguntas são formuladas a respeito dos conteúdos do inconsciente encravado e de suas diferenças em relação aos conteúdos do inconsciente recalcado, bem como acerca de sua posição no aparelho psíquico e de sua reatualização.

**Palavras-chave:** Inconsciente encravado, corpo estranho interno, clivagem.

## Résumé

**Quelques questions sur l'inconscient « enclavé » : ses contenus, son organisation, ses changements possibles :** Cet article de J. Laplanche représente une étape importante pas seulement au sein de la théorie de la séduction généralisée, car il cherche d'intégrer dans la topique freudienne « classique

---

<sup>1</sup> Alberto Luchetti, psiquiatra e psicanalista, membro do Conselho Científico da Fondation Jean Laplanche - Institut de France e diretor da Rivista di Psicoanalisi (Itália). Traduziu e editou edições italianas de diversos psicanalistas franceses, incluindo Piera Aulagnier e Jean Laplanche, e de algumas obras de Freud.

» une topique du clivage. Des questions se posent à propos des contenus de l'inconscient enclavé et de leurs différences avec ceux de l'inconscient refoulé, ainsi que de sa position dans l'appareil psychique et de sa réactualisation.

**Mots-clés :** Inconscient enclavé, corps étranger interne, clivage.

O artigo de Jean Laplanche intitulado “Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no âmbito da teoria da sedução generalizada”<sup>2</sup> é seguramente importante não somente no escopo dessa teoria, da qual representa uma etapa fundamental. Ele busca integrar à tópica freudiana “clássica”, neurótico-normal, uma tópica da clivagem, indispensável para abranger não apenas as problemáticas da psicose, dos casos-limite, das psicopatias e das perversões, mas também fenômenos próprios da normalidade (tendências, ainda que delimitadas e temporárias, à psicose, à somatose, ao agir etc.) e aspectos da relação analítica. E tudo isso preservando o inconsciente sexual de qualquer dessexualização.

Este ensaio consiste mais em uma tentativa de integração e articulação, indispensáveis ao trabalho crítico, do que em uma crítica. Nesse sentido, levantarei algumas questões, que talvez sejam banais, ingênuas e imprecisas, mas que podem evidenciar pontos críticos da modelização proposta.

Uma primeira questão, que nos permite introduzir um assunto importante, diz respeito a dois trechos do artigo. No primeiro, Laplanche afirma: “Se a noção de *isso* conserva um sentido, é o de caracterizar o inconsciente recalçado que, por sua alteridade, *se torna* verdadeiramente ‘alguma coisa em nós’, um ‘corpo estranho interno’, um ‘*isso*’” (LAPLANCHE, 2003/2015, p. 194). Mais adiante, ele escreve:

---

<sup>2</sup> LAPLANCHE, J. *Sexual. A sexualidade ampliada no sentido freudiano*. Porto Alegre: Dublinense, 2015, pp. 191-206.

A tradução da mensagem enigmática adulta não é feita de uma só vez, mas *em dois tempos*. O esquema em dois tempos é o mesmo do traumatismo. No primeiro tempo, a mensagem é simplesmente inscrita ou implantada, sem ser compreendida. Como se fosse mantida sob a fina camada da consciência ou ‘sob a pele’. Num segundo tempo, a mensagem é revivificada internamente. Ela

age como um corpo estranho interno que precisa ser integrado, controlado a qualquer custo. (LAPLANCHE, 2003/2015, p. 195)

Poderíamos utilizar a figura do “corpo estranho interno” para nos referirmos ao inconsciente recalado e às mensagens implantadas e ainda não traduzidas ou para nos referirmos às mensagens intrometidas, isto é, ao inconsciente encravado? Na verdade, este último constitui certamente uma parte do aparelho psíquico de todos os seres humanos, sendo, de certo modo, “interno”. Não obstante, o fracasso da passagem pela tradução/recalque impede que ele se constitua, no que concerne à mensagem implantada, como “alguma coisa em nós”, interna, embora se trate de uma alteridade (outra coisa em nós). Portanto, não há, para o encravado, nem pulsão com seu objeto-fonte nem um Eu que estabeleça uma tópica – que contenha um interior, segundo o modelo do corpo. Em outras palavras, o encravado, em vez de ser “revivificado internamente”, talvez seja reativado na superfície, na “derme psicofisiológica de um sujeito no qual uma instância inconsciente ainda não está diferenciada” (LAPLANCHE, 1990, pp. 155-158). Trata-se, quando muito, de uma superfície que se envagina, mas ainda assim uma superfície – ou melhor, uma fenda que se abre também em uma superfície, como propôs Laplanche ao abordar a intromissão.

Uma segunda questão concerne à diferença entre os conteúdos do inconsciente encravado e os conteúdos do inconsciente recalado – que, como Laplanche ressalta, perderam sua função referencial e representacional, foram excluídos do circuito do sentido, embora sejam

significantes, e doravante significam e representam somente a si mesmos. Qual é, então, a diferença entre o não-traduzido que precede toda e qualquer tradução ou é radicalmente excluído desta e o não-traduzido que constitui um resíduo de toda e qualquer tradução? Ambos os casos nos confrontam com algo que escapou à aquisição do sentido designada como tradução. Há, nos dois casos, algo que não pertence ao domínio do sentido, mas é constituído por significantes, algo privado de seu sentido, embora derivado da linguagem e da comunicação. A diferença poderia residir na contraparte pré-consciente (e, portanto, egoica) que o inconsciente recalcado possui e que, ao contrário, falta ao inconsciente recalcado?

Uma terceira questão diz respeito ao que me parece ser uma diferença entre o modelo proposto por Dejours (2001) e o modelo de Jean Laplanche que dele deriva. A diferença é perceptível até mesmo em seus esquemas. Para Dejours, a possibilidade de ultrapassar o limite da clivagem, que parece ser uma barreira estanque, passaria pelo exterior e exigiria uma circulação pela camada consciente (mesmo que seja a consciência do sonho). Em contraste, para Laplanche, o limite da clivagem pode ser ultrapassado quando, por exemplo, desencadeia-se um novo processo de tradução. No entanto, a tradução (mesmo em seu esquema) não parece envolver nem necessariamente nem diretamente uma passagem pela consciência, embora Laplanche considere a perlaboração do sonho, que envolve a consciência, como um “crisol” fundamental do inconsciente sexual, recalcado.

Uma quarta questão se refere à ativação dos conteúdos do inconsciente encravado. Essa revivescência pode ser desencadeada por um encontro com a realidade que ultrapassa a barreira da recusa, principalmente ao atingir a *zona de sensibilidade do inconsciente*, seja por ter sido novamente proposta a mensagem comprometida que deu origem a esses conteúdos (ou algo dessa mensagem), seja pelo fato de que novas possibilidades de tradução são oferecidas (através de novos códigos psicológicos ou fisiológicos). Neste

último caso, e voltando a minha primeira questão a respeito do inconsciente encravado, trata-se de uma revivescência “do interior”, mas seria no sentido de que resulta da mudança das possibilidades de tradução, determinada pela estruturação diferente e pelo enriquecimento do pré-consciente e, portanto, do Eu? Será que essa reatualização e essa revivescência não poderiam ser determinadas pela mudança do pseudoinconsciente do mito-simbólico, pela mudança do auxílio à tradução e de seus recursos (seja em direção ao seu aumento, ao seu enfraquecimento ou a uma mudança de ênfase), ainda que ele não encontre seu lugar *no interior do aparelho*?

Uma quinta questão envolve a relação entre as diferentes partes e os diversos conteúdos do inconsciente encravado: seriam todos desprovidos de qualquer relação e qualquer coordenação, como afirma Freud a respeito dos conteúdos do inconsciente recalcado, ou seriam, de algum modo e em certa medida, organizáveis e organizados? Por exemplo, Freud, em seu modelo tradutivo de 1896, afirma que “os signos de percepção” que constituem a primeira inscrição das percepções (portanto, ainda não “traduzidos”) são dispostos conforme as associações de simultaneidade. Além disso, Laplanche pressupõe que o inconsciente encravado esteja, por assim dizer, “à flor da consciência”, mantido por uma fina camada de defesa consciente e funcionando em um modo aparentemente lógico, “operatório”, por meio da recusa e por um raciocínio consciente que é “como o reflexo invertido daquilo que é recusado”, do qual se separa apenas pelo “signo da negação”. Isso tudo implicaria que o inconsciente encravado, de modo especular, tenha uma organização que vai além das associações de simultaneidade freudianas, e uma lógica (com sua sintaxe e sua semântica), diferenciando-se, assim, do inconsciente recalcado, cujos conteúdos não têm nenhuma relação entre si?

Uma última questão, talvez associada à segunda, concerne às características da mensagem comprometida que podem impedir a sua tradução.

Consideremos a noção de *proscrição atroficante* de Dejours, que, no lugar da sedução estruturante, do comprometimento da comunicação e da solicitação a teorizar e a interpretar, impõe uma suspensão do pensamento, interrompe a comunicação e mantém o *infans* no registro do apego, do instintivo e do corpo biológico, impedindo a subversão constitutiva do corpo erógeno. Poderíamos pressupor que essas mensagens intronéticas, ao excluir toda tradução possível – além de serem, por assim dizer, acompanhadas de um “auxílio à não-tradução” ou até mesmo de uma injunção a não traduzir –, podem determinar uma forma de dissipação ou de neutralização dos recursos perceptivo-conscientes que permitiram e efetuaram sua primeira recepção? Em outras palavras, mensagens poderiam subtrair da subversão constitutiva do corpo erógeno funções e partes do sistema Percepção-Consciência, ou então poderiam aniquilar funções e partes desse sistema já adquiridas pela subversão do corpo erógeno, repelindo-as novamente para o corpo biológico e instintivo, onde permanecerão relegadas. De modo que não poderia mais haver, para essas mensagens, a passagem pelo sistema Percepção-Consciência, essencial, por exemplo, no trabalho onírico – importante crisol do inconsciente sexual. Elas permaneceriam, então, na zona de estagnação, sem possibilidade de uma nova recepção – e nem de um *retorno do proscrito*, a não ser sob a forma de uma reativação da mesma proscrição – e sem que algo, no contato com a realidade humana, possa reativá-las. Dessas mensagens, obteríamos um silêncio radical, pois nenhuma frequência de rádio está disponível para captá-las.

A. L.

## Resposta de Jean Laplanche a Alberto Luchetti

Primeiramente, precisamos atribuir a confusão relativa ao termo *clivagem* aos nossos grandes predecessores, Freud, Klein, Bion etc. *Spaltung* (A.), *Splitting* (En.).

A *Spaltung*, tal como definida por Freud em seu artigo de 1938, é certamente violenta, afeta o Eu, mas não constitui um mecanismo de defesa do Eu. A linha vertical traçada no esquema topológico não é uma linha de conflito. Não poderíamos situar ali nem a recusa nem qualquer ação defensiva. Trata-se (segundo Freud) de uma linha de coexistência em que uma parte desconhece totalmente a outra. Ambas as metades devem enfrentar o objeto da recusa (da castração): uma para aceitá-lo (recalque) e a outra para recusá-lo (fetichismo). Em outras palavras, sempre concebi a linha vertical da *clivagem* como uma espécie de cortina opaca, mas móvel. Dito isso, nada impede que reconsideremos nossas perspectivas, mas sob a condição de nos atermos às palavras, terreno de entendimento comum.

Sobre a sua primeira pergunta:

Primeiro, não tenho certeza de que sejamos capazes de distinguir de imediato, externamente, se uma mensagem é implantada ou intrometida. Apenas o futuro – da tradução ou de seu fracasso – o dirá. Nossa esperança terapêutica é, aliás, de que um fragmento da mensagem tenha permanecido implantado – simplesmente mensagem. Afirmar que há dois lados, A e B, dos corpos estranhos internos não resolve nada. A pergunta que você faz é como o inconsciente encravado é atingido, ativado, e quais são os resultados dessa ativação. Na verdade, essa é sua quarta pergunta, para a qual não tenho resposta satisfatória, pois ela levanta diversas questões e cabe a você desenvolvê-las. Contudo, há ao menos duas vias: tentativa de tradução e *acting out*. Duas vias que poderiam conjugar-se uma à outra numa tentativa de psicoterapia analítica. Mas concordo com você de que o *acting out* psicótico ou perverso não é a mesma coisa que o retorno do recalçado, nem uma verdadeira “pulsão”, ainda que os próprios perversos facilmente utilizem essa palavra. Eis uma hipótese “sedutora”: a passagem ao ato violento reativada externamente.

2 – Para mim, os conteúdos encravados são mensagens e não uma justaposição de significantes. Exemplos simplistas: “tome esse seio que está sentindo prazer”, “você deve porque você deve”. Essas mensagens, como todas as mensagens, são oriundas do pré-consciente do adulto, comprometidas pelo seu Ics.

Esses conteúdos encravados ainda não passaram pela tradução, logo, não “escaparam à aquisição de sentido”. A noção de uma aquisição de sentido somente ao entrar no aparelho anímico nos remeteria diretamente a uma concepção solipsista-ptolomaica. O que vem do exterior não é estímulo, mas sim mensagem, mesmo não traduzida.

3 – Há, evidentemente, diferenças entre mim e Dejours. Ele não assimilou totalmente o que é a clivagem freudiana.

Ao meu ver, a linha da clivagem é atravessada cada vez que há uma tentativa de tradução. Por outro lado, não compreendo muito bem a noção de “zona sensível do inconsciente”, e o autor dessa expressão (Michel Fain) é pouco claro a esse respeito.

4 – Sua quarta pergunta parece retomar a primeira: como funciona o inconsciente recalcado? Todas as hipóteses são válidas, sobretudo se lembrarmos que os conteúdos são muito diferentes: mensagens encravadas em instância de tradução, mensagens destraduzidas pelo analista, mensagens temporária ou definitivamente barradas de qualquer tradução.

De qualquer forma, creio que se trata de sequências enigmáticas, mas significantes, cada uma coordenada por conta própria, e não recalcos isolados como em A. Tentamos traduzir frases ou segmentos de frases, e não palavras isoladas.

5 – A quinta pergunta, a respeito da coordenação e da ativação no Ics encravado, remete evidentemente, em primeiro lugar, aos diferentes tipos

de emissores adultos dessas mensagens. Como também ressalta Calich ao referir-se às relações metonímicas, é provável que as conexões por simultaneidade sejam privilegiadas. Mas pensemos na seguinte imagem: na fotocópia de uma página, a única relação que aparentemente persiste é a da contiguidade. Uma letra seguida da outra etc. Isso não impede que as outras relações, as mais diversas relações de sentido, possam ser revivificadas a partir dessa página. São hieróglifos no deserto, ainda indecifrados, mas abertos à tradução.

6 – E, por fim, no que se refere à última pergunta, estamos todos empenhados em uma construção. A partir do momento em que admitimos a hipótese tradutiva e o modelo bipartido, resta saber o que é ou não é elegível à tradução. Quanto às formulações e observações de Dejours a respeito da violência, da “proscrição atrofiante”, basta recorrer ao modelo metapsicológico e integrá-las.

J. L.

## Referências

LAPLANCHE, J. “Implantation, intromission”. *Psychanalyse à l’Université*. Paris, v. 15, n. 60, 1990, pp. 155-158.

LAPLANCHE, J. (2003) “Trois acceptions du mot « inconscient » dans le cadre de la théorie de la séduction généralisée”, in *Sexual: La sexualité élargie au sens freudien* (2000-2006). Paris: PUF, 2007.

DEJOURS, C. *Le corps, d’abord*. Paris: Payot, 2001.

Tradução: **Vanise Dresch e Bruno Konkewicz**

*Publicado em janeiro de 2025*

**Alberto Luchetti**

Piazza Pollarola 30 00186 Rome Italie

Tel. : +38.06.68.30.80.91

Fax : +39.06.68.21.11.26